



Trabalhos premiados

- “The effect of entrepreneurial origin on firms’ performance: The case of Portuguese academic spinoffs” - Natália Barbosa e Ana Paula Faria

A origem empreendedora das empresas pode ter influência significativa na forma como elas se desenvolvem ao longo do tempo. Empresas que têm a sua fundação baseada em conhecimento gerado no seio de universidades ou instituições de investigação – spinoffs académicas - são vistas como um veículo chave para promover a transferência de conhecimento para o mercado, promovendo a difusão de conhecimento, inovação e crescimento económico. Estas empresas tendem a ser diferentes de outras empresas no que concerne ao conhecimento e capacidades que trazem para o mercado. Adicionalmente, empresas baseadas em conhecimento gerado nas universidades e instituições de investigação podem contribuir para o desenvolvimento económico criando empregos novos e altamente qualificados e gerando externalidades de conhecimento. Assim, este trabalho avalia se diferentes origens empreendedoras, comparando spinoffs académicas com empresas similares mas com diferente origem empreendedora, geram diferenciais de desempenho.

Analisando a população de spinoffs portuguesas criadas desde 1975 até 2010 e que em 2015 ainda eram empresas activas no mercado, verifica-se que as spinoffs crescem comparativamente mais do que as suas contrapartes através da acumulação de recursos (aferida pelo volume de emprego) e internacionalização. Contudo, estes diferenciais de desempenho parecem não se traduzirem em ganhos de produtividade e eficiência, indicando que as spinoffs académicas tem dificuldades em explorarem e beneficiarem das vantagens comparativas de conhecimento e internacionalização. Por outro lado, inicialmente as spinoffs tendem a registar volumes de negócios maiores do que as suas contrapartes mas não conseguem manter esse efeito de escala à medida que envelhecem. Assim é possível concluir que as spinoffs académicas em Portugal contribuem para a criação de emprego mas a sua relevância como factor diferenciador de crescimento económico e fomentador de ganhos de produtividade ainda é limitado.

- “Absorptive Capacity and Firms’ Generation of Innovation: Revisiting Zahra and George’s Model” - Dina Pereira e João Leitão

Os autores analisam um conjunto selecionado de indicadores internos ao nível organizacional, que medem a capacidade de absorção da empresa e um conjunto de fatores de ligação, utilizando duas subamostras de empresas industriais e de serviços com sede fiscal em Portugal, que participaram no Community Innovation Survey de 2010 (CIS 2010).

Os resultados obtidos na abordagem empírica revelam que as atividades de investigação e desenvolvimento (I&D) desenvolvidas intramuros, a aquisição de atividades de I&D desenvolvidas extramuros, bem como a aquisição de conhecimento externo (isto é, equipamentos, software, licenças e treino específico dos funcionários em atividades de inovação) afetam a geração de inovação das empresas, de modo diferenciado nas duas subamostras sob análise, o que proporciona um conjunto de novas implicações para a política de ciência e tecnologia e de inovação.

- “Persistence in innovation and innovative behavior in unstable environments” - Joana Costa, Anabela Botelho e Aurora Teixeira

Num contexto de rápidas mudanças tecnológicas e crescente concorrência interna e externa, a inovação, concebida como a transformação de ideias, informações e conhecimento para melhorar a competitividade e vantagem competitiva sustentada, é um processo vital na estratégia de uma empresa. Assim, a persistência (ou continuidade) de inovação pode explicar a vantagem competitiva sustentada, bem como as diferenças duradouras de desempenho entre empresas.

De 2004 a 2006, Portugal enfrentou uma elevada instabilidade política com 3 governos distintos. Adicionalmente, o desempenho económico começou a deteriorar-se marcadamente após 2000, com crescimento do PIB real em média inferior a 1 por cento entre 2000 e 2005, contraindo 0,8 por cento em 2003 e permanecendo frágil até 2006. O crescimento da produtividade empresarial caiu para cerca de 1% entre 2004 e 2005. O desemprego aumentou acentuadamente, atingindo 7,6% em 2005 e 8% em 2007. Embora tenha havido uma ligeira recuperação em 2007, em 2009, o PIB real per capita diminuiu 3,1% e o desemprego atingiu um valor socialmente problemático de 9,4%. A queda contínua do investimento e a poupança bruta e a escalada da dívida pública entre 2006 e 2010 culminaram com o programa de ajustamento, um Memorando de entendimento sobre assistência financeira à República Portuguesa para lidar com a crise financeira portuguesa 2010-2014.

Dadas todas essas flutuações e incertezas no ambiente macroeconómico e político, é expectável que as empresas tenham reagido alterando o seu comportamento em termos de inovação.

Recorrendo a estimatórias econométricas com base em um painel de 1099 empresas localizadas em Portugal entre 2004 e 2010, constatamos que:

- em ambientes instáveis não existe uma relação automática e linear entre inovação passada, comportamento inovador atual e resultados futuros, ou seja, não é validada a hipótese de persistência de inovação. Especificamente:
- as grandes empresas que operam na indústria transformadora, que foram inovadoras no passado, têm uma menor probabilidade de inovar no futuro.
- os 'novos inovadores', designadamente as pequenas e médias empresas (PMEs), observam uma maior probabilidade de inovação futura.

Esses resultados têm importantes implicações políticas:

- Sendo que a persistência da inovação não é válida na amostra considerada, é expectável que incentivos de política de inovação não tenham um efeito duradouro sobre o comportamento inovador das empresas.
- Como as empresas não tendem a persistir nos esforços de inovação, se os decisores políticos entenderem implementar incentivos de política para estimular a inovação, para que tais incentivos tenham impacto micro e macroeconómico os incentivos devem ter um carácter duradouro/de longo prazo.
- Na ausência de evidência que suporte a persistência da inovação, é improvável que os inovadores passados (grandes empresas) sejam os impulsionadores da acumulação criativa e da inovação futuras. Há, no entanto, evidência de que os novos inovadores (PMEs) possam liderar a 'onda criativa'. Neste contexto, existe racionalidade económica para promover políticas públicas voltadas para as startups.

- “The efficiency of Portuguese Technology Transfer Offices and the importance of university characteristics” - Aurora Teixeira e André Monteiro

De forma crescente e significativa, o desempenho económico de empresas, regiões e países depende da criação de conhecimento pelas universidades e a sua transferência, baseada em novas tecnologias susceptíveis de serem comercializadas, para as empresas/indústria via novos produtos, processos, start-ups/spin offs. Reconhecendo-se como uma das maiores fragilidade da estrutura da economia portuguesa a fraca ligação entre universidades e indústria e tendo por fim a promoção do crescimento económico, foram criados, nos anos 2000, por iniciativa e financiamento públicos, as redes dos GAPIs (Gabinetes de Apoio à Promoção da Propriedade Industrial) e OTICs (Oficinas de Transferência de Tecnologia e Conhecimento). Os GAPIs e OTICs constituem, assim, os chamados TTOs (Technology Transfer Offices) portugueses.

Principais resultados:

- os TTOs portugueses melhoraram, ao longo do período em análise, a sua eficiência, especialmente nas fases mais a montante do processo de transferência de tecnologia (divulgações de invenção e submissão de pedidos de patentes); em contraste, a eficiência dos TTOs diminuiu nas fases mais próximas da comercialização da tecnologia.
- as características das universidades, designadamente o número de patentes e publicações acumuladas, influenciam positivamente a eficiência dos TTOs.
- a base industrial regional, nomeadamente o peso da indústria transformadora e o peso das novas empresas de alta e média tecnologia nas regiões onde a universidade está localizada, contribuem significativamente para a maior eficiência dos TTOs, tanto a montante (divulgação da invenção e submissão prioritária de patentes) como nas fases a jusante (criação de start-ups). Tal reflete a importância da existência de spillovers de negócio regionais fortes para a eficiência TTOs.

Estes resultados têm importantes implicações de política:

- A melhoria da eficiência nas fases a montante do processo de transferência de tecnologia é encorajadora e reflete os esforços, via sistemas de incentivos e financiamento, por parte das autoridades públicas e das universidades, ao nível da formação das equipas dos TTO. Tais esforços devem ser continuados e estendidos às fases próximas à comercialização efetiva da tecnologia.
- As autoridades locais e nacionais devem accionar medidas que promovam a quantidade e qualidade da investigação que é realizada nas universidades portuguesas.
- É necessário repensar a organização espacial dos TTOs de modo a aproveitar as sinergias e spillovers de base regional. A existência de ‘TTO regionais’ poderia facilitar o surgimento de equipas especializadas em diferentes setores de atividade, permitindo, em simultâneo, aumentos de escala nos TTOs e o desenvolvimento de uma massa crítica de conhecimento e experiência.